

As práticas psicológicas e grupos na Educação Superior

Psychological practices and groups in Higher Education
Prácticas y grupos psicológicos en la Educación Superior

Paola de Jesus Santos SILVA¹
Alexsandra Maria Sousa SILVA²
Janailson Monteiro CLARINDO³

Resumo: Essa pesquisa, buscou discutir a formação em psicologia no contexto brasileiro, considerando os novos campos de atuação desses profissionais e a preparação para o seu fazer. O embasamento teórico parte da Psicologia Histórico-Cultural, por considerarmos que o sujeito se constitui nas relações e grupos sociais. Visa discutir como a formação em Psicologia vem sendo ofertada pelas Instituições de Ensino Superior, trazendo os desafios desses profissionais docentes para a qualificação, contextualizada e crítica dos discentes, demarcando a relação entre teoria e prática nessa formação. O objetivo é compreender como os docentes, formadores de futuros psicólogos, significam as práticas grupais na formação discente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com uso de entrevista semiestruturada e diário de campo, os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo, com o auxílio do software Atlas ti. Partimos de três categorias: Formação, Visão de grupo e Práticas grupais, a posteriori, surgiu a subcategoria co-responsabilização. Essa pesquisa apontou para a necessidade de uma percepção crítica e contextualizada na formação em Psicologia, ressaltando as diferentes visões sobre práticas grupais, vivências e intervenções metodológicas na formação desses profissionais.

Palavras-chave: *Prática psicológica. Grupo. Educação superior.*

Abstract: This research sought to discuss the training in psychology in the Brazilian context, considering the new fields of these professionals and the preparation for their work. The theoretical basis starts from Historical-Cultural Psychology, considering that the subject is constituted in relations and social groups. It aims to discuss how the training in Psychology has been offered by Higher Education Institutions, bringing the challenges of these teaching professionals to the qualification, contextualized and critical of the students, demarcating the relationship between theory and practice in this training. The goal is to understand how teachers, trainers of future psychologists, mean group practices in student training. It is a qualitative research, using semi-structured interview and field diary, the data were analyzed from the content analysis, with the aid of the software Atlas ti. We start from three categories: Formation, Group vision and Group practices, a posteriori, the co-responsibility subcategory emerged. This research pointed to the need for a critical and contextualized perception in the training in Psychology, highlighting the different views on group practices, experiences and methodological interventions in the training of these professionals.

Keywords: *Psychological practice. Group. Higher education.*

¹ Psicóloga formada pela Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: psicologapaolasilva@gmail.com

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professora do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: alexsandrass88@gmail.com

³ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor do curso de Psicologia da Faculdade Luciano Feijão (FLF). E-mail: janailson21@gmail.com

Resumen: Esta investigación buscó discutir la formación en psicología en el contexto brasileño, considerando los nuevos campos de actuación de estos profesionales y la preparación para hacerlo. La base teórica proviene de la Psicología Histórico-Cultural, pues consideramos que el sujeto se constituye en relaciones y grupos sociales. Tiene como objetivo discutir cómo la formación en Psicología ha sido ofrecida por las Instituciones de Educación Superior, acercando los desafíos de estos profesionales de la enseñanza a la calificación, contextualizados y críticos de los estudiantes, demarcando la relación entre teoría y práctica en esta formación. El objetivo es comprender cómo los docentes, formadores de futuros psicólogos, entienden las prácticas grupales en la formación de sus estudiantes. Se trata de una investigación cualitativa, mediante entrevistas semiestructuradas y diario de campo, los datos fueron analizados mediante análisis de contenido, con ayuda del software Atlas ti. Partimos de tres categorías: Formación, Visión de Grupo y Prácticas de Grupo, posteriormente surgió la subcategoría de corresponsabilidad. Esta investigación señaló la necesidad de una percepción crítica y contextualizada en la formación de Psicología, destacando las diferentes miradas sobre las prácticas grupales, las experiencias y las intervenciones metodológicas en la formación de estos profesionales.

Palabras clave: *Práctica psicológica. Grupo. Educación superior.*

INTRODUÇÃO

Este artigo trará discussões e reflexões sobre a formação do psicólogo em contexto brasileiro, resgatando uma dimensão histórica desta ciência, com um olhar específico e diferenciado para as práticas grupais numa perspectiva histórico-cultural, compreendendo o psicólogo em formação como um sujeito que se constitui nas relações e que transforma essas relações a partir da interação. Para tanto, é imprescindível levar em consideração os novos campos de atuação profissional, a relação teoria e prática, bem como o conhecimento e a vivência de grupos para construção de habilidades e desenvolvimento de técnicas e intervenções grupais.

Nesse sentido, é fundamental compreender como os docentes, formadores de futuros profissionais da psicologia, percebem o significado das práticas grupais nessa formação acadêmica. Com isso, faz-se uma relação entre a percepção dos docentes a respeito do que está sendo ofertado pelas instituições de ensino superior e o exercício da profissão a favor da demanda social, considerando os novos campos de atuação que priorizam a realidade, os contextos grupais e coletivos, seja no campo da Psicologia organizacional, comunitária, escolar, esporte ou política.

Para Santos (2014), há um distanciamento entre teoria e a prática, tanto nos referenciais técnicos, quanto na criticidade desses profissionais no ambiente de trabalho, o que nos exige pensar o contexto acadêmico como um espaço primordial para treinar habilidades que considerem a realidade histórica e social vivida pelos sujeitos. Santos (2014) faz uma relação entre o contexto acadêmico e as dificuldades encontradas pelos psicólogos nesse âmbito, devido às poucas possibilidades de referenciais teórico, técnico e práticos que deem subsídios para atuação do profissional.



A psicologia no Brasil, por muito tempo, esteve atrelada a uma imagem cultural do profissional cuja atuação se destinava aos cuidados dos ditos “anormais”, “loucos” ou a imagem figurativa do profissional atuante em clínicas, consultórios fechados, atendendo individualmente, numa perspectiva de saúde e doença. Ribeiro, Tachibana e Vaisberg (2008) relatam, através de uma experiência, que o momento dessa primeira experiência no contexto clínico é sonhado pelos estudantes da área, futuros profissionais, talvez, por conta da historicidade e atendendo uma demanda capitalista e individualista influenciada pela psicologia norte americana. No entanto, não é de hoje que novas áreas e novos campos de atuação vem ganhando destaque e interesse de alunos, como os trabalhos que envolvem uma atuação grupal. E isso tem gerado intensos debates e reflexões quanto ao exercício dos futuros psicólogos e quanto a sua preparação nas instituições junto ao corpo docente e aos órgãos que regulamentam a prática profissional.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é analisar o significado das práticas grupais para a formação do psicólogo, na perspectiva dos docentes. Este trabalho foi estruturado a partir de uma pesquisa de monografia de graduação em Psicologia, com base na Teoria Histórico-Cultural. O conteúdo está estruturado em três tópicos: no primeiro tópico será apresentada a metodologia da pesquisa. Em seguida, os resultados e discussões estruturados em torno de duas principais temáticas: a docência no ensino superior e as práticas grupais na formação em Psicologia.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve base qualitativa, pois considera-se esta uma das formas fundamentais de se produzir ciências humanas e sociais a partir das construções subjetivas, produzidas nas relações históricas e sociais. Segundo Flick (2009), este tipo de pesquisa permite acesso ao levantamento de dados e ao entendimento ou compreensão das relações humanas, bem como comportamentos e significados presentes na dinâmica social.

Foram entrevistados docentes do curso de psicologia de duas instituições, sendo uma privada e uma pública, do estado do Ceará, identificados como E1 e E2. A escolha por docentes foi pensada por estes estarem diretamente ligados à formação acadêmica de psicólogos, tendo uma posição privilegiado no que concerne à utilização de metodologias grupais na formação de profissionais. A identidade dos docentes será preservada, tendo sido usados nomes fictícios para eles no decorrer do trabalho.

A coleta de dados foi feita através da realização de entrevistas individuais com os professores nas quais foram realizados diálogos direcionados ao tema em estudo. Trata-se de uma conversação sobre um assunto onde se



tem um objetivo determinado e relevante na investigação, estabelecendo-se como prioridades as produções de significados nas relações sociais e cotidianas do pesquisado. Além disso, também foi usado o diário de campo como técnica de coleta de dados nas visitas realizadas nas instituições pesquisadas. É um instrumento de reflexão sobre sentimentos e emoções vivenciadas no processo de pesquisa. Assim, o uso desse recurso foi fundamental, pois permitiu o acesso às impressões das observações, dos sentidos e significados construídos pela pesquisadora, a partir no contato e envolvimento com o campo.

Para a análise de dados usou-se a análise de conteúdo (Bardin, 1977), definida como um conjunto de técnicas úteis e adequada para sistematizar a comunicação de forma objetiva. É muito útil tanto para comunicações verbais quanto para as não verbais e divide-se nas seguintes etapas: 1) Pré-análise que é a primeira etapa, caracterizada pela leitura flutuante acerca do tema; 2) Exploração do material, em que são feitos recortes e categorização do material transcrito para análise propriamente dita; e 3) Tratamento dos resultados, que consiste em uma codificação sistematizada e significativa. Para essa análise de conteúdo, utilizou-se o auxílio do software de análise qualitativa Atlas Ti.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguiram as normas estabelecidas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, através da Plataforma Brasil - CAAE: 83199318.0.0000.5053.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, iremos apresentar os resultados e discutir sobre a prática da docência em Psicologia no Ensino Superior, perpassando seus meandros históricos e implicações atuais e, em seguida, serão discutidas as práticas grupais para a formação em Psicologia, problematizando seus possíveis lugares no fazer psicológico na modernidade.

A prática da Docência em Psicologia: reflexões e desafios atuais.

Mancebo (1997) faz uma importante análise histórica da formação do psicólogo, buscando verificar até que ponto a cultura da profissão em psicologia adentra as instituições, configurando modelos de metodologia e de formação desse profissional. Segundo ele, é possível constatar que os conteúdos ministrados e os conhecimentos direcionados aos alunos sofrem uma fragmentação da teoria e da prática, configurando uma dicotomia forte e histórica. Essa dicotomia também pode ser vista quando se trata da relação entre

intervenção individual (clínica) e coletiva ou comunitária (grupos). Os professores entrevistados por nós, fizeram observações semelhantes.

A cultura e os processos históricos, certamente, têm uma forte influência sobre essa procura por uma formação mais clínica. Polidoro e Azzi (2011), ao falar do processo de ensinar nos cursos de psicologia, sob uma visão dos estudantes, trazem dados importantes sobre o ambiente educacional, mostrando que as aulas práticas ministradas pelas instituições, sejam elas públicas ou particulares, tem um índice de aplicabilidade muito baixo, pouco relevante. Já no ponto de vista de um dos docentes entrevistados, vê-se o processo de outra forma como sendo o aluno responsável pelo seu conhecimento.

Talvez tenham alguns profissionais que estão dentro das políticas públicas e não estão conseguindo desenvolver atividades grupais, porque as vezes não deram real importância, estão ali se preparando para ser psicólogo clínico ou ali só pra poder saber, mas não dão importância ai se forma qual o primeiro emprego que aparece dentro de uma política pública? Aí ele pensa: poxa devia ter prestado atenção mais na aula, ter visto melhor tais e tais coisas... Dependem do aluno (Vênus, E1).

Independente de uma visão mais institucionalizada ou individualizada da formação em Psicologia, o ensino e utilização das práticas grupais parecem ser essenciais para a formação e prática do profissional de Psicologia. Diante do exposto, faz-se necessário um maior aprofundamento sobre as teorias e práticas grupais e seus impactos na formação e pós-formação em Psicologia. A partir da inserção no campo, foi possível perceber essas dificuldades que profissionais docentes encontram para incluir metodologias convidativas em seus métodos, que variam de instituição para instituição:

Os desafios disso é que não temos uma sala de aula, não temos campo, não temos prédio, uma cantina, uma estrutura, não temos gabinete sala de reunião e o nosso corpo docente bastante jovem, bastante qualificado e de alguma maneira se apresenta de uma maneira muito entusiasmada, assim como nossos alunos que claramente se apresentam como alunos participativos, como alunos que mobilizam atividades acadêmicas que a gente acha importante, então essa experiência ela é atravessada por uma extrema precariedade que caracteriza o nosso curso de psicologia (Netuno, E2).

A precariedade de alguns cursos atravessa essa formação e tem impossibilitado cada vez mais as modificações necessárias, impondo desafios à prática docente para além da sala de aula, principalmente no contexto do Ensino Superior Público. Inúmeras são as dificuldades e desafios trazidas à tona pelo entrevistado “As dificuldades são principalmente o incentivo institucional, acho que tem muito professor que quer trabalhar a prática nos projetos de extensão, nas salas, quer trabalhar pesquisa, mas não tem incentivo” (Netuno, E2).

Toda essa dificuldade relaciona-se com a realidade política e socio-histórico atual. No governo Lula, a reforma educacional do ensino superior previa uma autonomia financeira, um incentivo para uma ampliação no número de vagas qualificando o corpo docente e criando vários projetos. Na atualidade, as verbas utilizadas na educação têm sido diminuídas e utilizadas na saúde fiscal, com a justificativa de melhorar a economia do país.

No que tange, especificamente, à Psicologia, Lisboa e Barbosa (2009) fazem uma crítica pertinente sobre a formação nessa área no Brasil, defendendo que esta ainda se assemelha aos protótipos antigos e que não tem possibilitado uma formação que capacite alunos para serem agentes de transformação. Grande parte dessa responsabilidade, segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2010), também é das instituições de ensino, pois essa formação ofertada não é a pretendida pelos próprios alunos, o que se espera é uma formação que prepare para um compromisso social e para um processo de consciência e libertação (Lisboa; Barbosa, 2009). Em contrapartida, o depoimento de um professor entrevistado revela uma questão relacionada ao corpo docente, pois este tem uma autonomia e um conhecimento que podem agregar ou modificar o olhar, mas o enraizamento da visão tradicional pouco possibilita mudanças:

Felizmente eu tenho lidado com alunos muito ativos onde não preciso utilizar metodologias eu preparo aula leio texto, passo para os alunos, suscito questões. Procuo deixá-los livres, procuro escutá-los, dar bastante atenção, não procuro corrigi-los. Ao que dizem da minha parte as metodologias são secundárias para mim, o mais importante é aquilo que está acontecendo dentro da sala de aula então não chego com a metodologia preparada (Netuno, E2)

Como se vê, a visão do entrevistado produz impactos e questionamentos sobre o que se vem discutindo acerca da importância do uso de metodologias no Ensino Superior. Marin *et al.* (2010), ao falar sobre a implementação de metodologias ativas, trazem que os alunos com uma formação de métodos inovadores, têm maior condição de problematizar a realidade social e superar as dicotomias existentes entre teoria e prática. Assim, parece no mínimo questionável o fato de o entrevistado afirmar não haver necessidade de utilizar as metodologias ativas. Parece existir, no discurso do entrevistado, uma dificuldade de inclusão dos métodos e uma tendência a responsabilizar o aluno, exclusivamente, por sua aprendizagem. Outra professora já apresenta uma visão um tanto distinta:

Eu utilizo, são aulas expositivas, seminários, agora estou utilizando muitos debates em psicologia social, debates de temas contemporâneo, rodas de conversas, algumas vivências nos últimos semestres e trago alguns instrumentos de pesquisas e instrumentos, como escala. Como eu trabalho na disciplina com terapia familiar eu trago instrumentos utilizados na terapia familiar aí nessa disciplina eu trago esse manejo dos testes, as vezes palestras de pessoas convidadas e essas vivências

principalmente as rodas de conversas, os seminários elas rodeiam essa questão do grupo porque elas são trabalhadas em grupo (Vênus, E1)

Essa é uma prática, que vem sendo cada vez mais solicitada e relevante na graduação de psicologia, durante a inserção no campo de pesquisa, eram notórias as diferentes concepções de práticas grupais e relevância das metodologias diferenciadas. Dessa maneira, pode-se observar que as metodologias ativas e grupais podem ser vistas como necessárias ou descartáveis, dependendo do profissional. Vejamos um pouco mais a respeito de seus impactos.

As práticas grupais e sua inserção na formação em Psicologia

Para Kurt Lewin (1973) a característica fundamental dentro de um grupo é a interdependência que ocorre no processo de constituição, considerando que a mudança de um dos componentes leva à modificação de todo o funcionamento grupal, divergindo de algumas teorias que tratam o grupo somente como uma reunião de indivíduos. Para Wallon (1968), a influência dos grupos é fundamental na constituição do sujeito, pois quando a criança é inserida nos grupos, isso auxilia na construção da sua personalidade e da consciência de si.

Para Vygotsky (2000, 2007), a compreensão de grupo é ainda mais radical. O autor salienta que a nossa constituição como sujeitos se dá a partir da interação social, tendo todas as nossas funções psicológicas superiores uma origem social. Ou seja, toda atividade tipicamente humana nasce primeiro em uma dimensão interpsicológica, para só depois ser internalizada pelo sujeito e passar a existir em uma dimensão intrapsicológica. Assim, a atividade grupal é considerada essencial para a constituição da subjetividade humana.

Lane (2004) aponta que, ao longo da vida, desde a concepção do feto, por escolhas ou por circunstâncias, há uma inserção do sujeito nos grupos, sendo o primeiro grupo social a família, imprescindível para a constituição do indivíduo enquanto ser social. As noções de grupo durante a história obtiveram alguns impactos para os estudos sobre essa temática para Psicologia, enquanto ciência e profissão, e para as instituições de ensino. O grupo, em alguns estudos, carrega concepções depreciativas, nos estudos de psicologia das massas de Freud (1921) baseado em Le Bon (1954), por exemplo, é possível perceber características psicológicas importantes que os indivíduos perdem ao entrar em grupos ou massas, tornando-os de certa forma irracionais e desequilibrados. É possível ver na fala de um dos entrevistados essa concepção negativa que o grupo pode carregar e como ela implica nas metodologias utilizadas em sala:

As diferentes formas e deformação de coesão de grupo, no mundo atual que a gente vive, infelizmente a gente assiste a movimentos de massa, muitas vezes, as pessoas se reúnem em grupo pra realizar coisas que as pessoas não gostam ou querem eliminar... eu estou pensando aqui nos linchamentos virtuais, dos fenômenos grupais, de como as pessoas se amontoam para prejudicar as outras, prejudicar a imagem de uma pessoa, prejudicar a imagem de uma instituição, prejudicar a imagem dos diversos atores da sociedade, hoje em dia você tem uma formação grupal que vem sendo caracterizado por esse laço que é mais de ódio (Netuno, E2).

A relação dos indivíduos nos grupos está atrelada à construção da autoestima, à valorização desses sujeitos, às trocas de experiências e a uma globalização de seus conhecimentos que, segundo a autora, reflete em todos os setores da vida desses sujeitos. A outra entrevistada apresenta uma visão diferente sobre o grupo que tem repercutido nos processos de aprendizagem e na formação em psicologia:

Eu acho que grupo é isso, eu estar em contato com outras pessoas, é cuidado, partilha, é estar presente, eu trabalho muito com grupo na minha prática como psicóloga e como docente, e aí eu percebi o quanto que o grupo é importante para as pessoas que compõe esse grupo, o grupo era muito rotativo, não era fechado e aí eu via como esse grupo dava suporte (Vênus, E1).

Essa outra visão sobre grupo sugere uma leitura mais positiva, pois mostra a relevância do grupo no contexto do profissional psicólogo e na relação docente – discente, revelando que, na história dessa ciência, o grupo tem se feito presente, mas que precisa ser reconhecido também em sua relação com a prática do docente.

Scarparo e Guareschi (2007) trazem que, historicamente, a Psicologia sempre teve seu fazer muito bem definido por meio da clínica individual, onde o grupo representava uma ameaça a normatização e controle de pessoas. Optar por não trabalhar com grupos, pode se tratar de uma escolha ideológica, uma questão pessoal. Pois ao que parece, essa postura possivelmente, pode estar a reforçar métodos de ensino tradicional e individualizado, que pouco contribui com a interação dos discentes entre si e a construção de visões críticas. Além disso, atuar com grupo se impõe como um desafio para a prática do docente, pois exige-lhes estratégias de lidar com o processo, que muitas vezes não é conhecido e foge do controle docente. De outro modo, suspeito que não atuar com grupo pode revelar necessidade de uma prática docente que esteja dentro do controle de poder do professor, reforçando uma ideologia de poder, onde um sobrepõe ao outro, no caso o professor se sobrepõe ao poder do aluno.

As práticas grupais, como uma didática de ensino ou métodos grupais na formação do psicólogo pouco tem gerado interesse nessa psicologia tradicional (Santos, 2014). Lewin (1965), que defendeu a importância das

experiências grupais e seus potenciais. O que fica visível, quando se acessa os relatos de profissionais das instituições é que na prática essa relação e essa experiência é muito negligenciada. Kuenzel e Nascimento (2002) tratam dessa relação em outras áreas de formação, ressaltam a exclusão das práticas grupais do contexto acadêmico do aluno de psicologia, mesmo compreendendo que há exigências dessas habilidades quando são necessárias intervenções no campo profissional.

Foi possível identificar o distanciamento que ocorre em algumas atuações docentes no que se refere as práticas grupais, mesmo o autor da entrevista entendendo que existem experiências e vivências que podem ser proporcionadas aos alunos, a metodologia aplicada ainda é tradicional, não conseguindo vislumbrar novas possibilidades e novos métodos que fujam um pouco da sala de aula e que levem em consideração o grupo e seus processos como algo que é e vem sendo relevante para a aprendizagem e para a formação e atuação desses futuros profissionais. “Então eu tomo prática grupal como o manejo que o professor tem diante de um grupo de 30, 40, 50 alunos, então é, desde já, necessariamente, uma prática grupal” (Netuno, E2). Estar em uma sala de aula com alunos não se configura necessariamente uma prática grupal, este processo envolve um conhecimento específico, um preparo, para a compreensão das funções e da ação grupal.

Góis (2005) ressalta a importância de se considerar o processo grupal, ou seja, o grupo é uma instância dinâmica e transformadora que pode servir como um instrumento de libertação e conscientização para seus membros se usado da maneira mais correta. Nesse mesmo sentido, Zimmerman (2000) e Clarindo (2015) propõem uma visão do grupo como um instrumento simbólico, com características e requisitos próprios. Ao considerá-lo dessa forma, podemos entendê-lo como um instrumento mediador com o qual os participantes podem conseguir realizar tarefas que seriam impossíveis individualmente. Clarindo (2015) ainda destaca que para que o grupo passe de um estado no qual é apenas um espaço de interação simbólica para outro no qual pode ser considerado um instrumento de mediação para seus membros é necessário que estes adotem certas atitudes, sendo a mais importante delas a consciência de todas as etapas do processo grupal por meio de um planejamento prévio. Assim, o grupo pode ser visto como um instrumento de mediação das ações dos próprios participantes em um espaço de interação simbólica e pedagógico, fundamental para o “quefazer” da psicologia nos contextos diversos. A partir disso, pode-se considerar que, para atuar com esse recurso, tanto em sala de aula como no meio profissional, de maneira mais potente são necessárias habilidades, conhecimentos teóricos e treinamento prático.

Enquanto isso, diversas experiências comunitárias, organizacionais e escolares vêm apontando para a importância das práticas grupais, tanto como condição necessária para compreensão dos fenômenos grupais e suas influências,



quanto para uma ação conjunta e organizada que já são motivos para diversas discussões. Como vimos, essa ideia é respaldada por Vygotsky (2007) quando traz que o sujeito se constitui a partir das relações com o outro e, mais do que só agir no meio, ele interage, transforma e se transforma. Podemos articular isso às ideias de Santos (2014) ao trazer as práticas grupais e o entendimento de grupo como fundamentais para a atuação do psicólogo nas políticas públicas, por compreender que este indivíduo passa maior parte da sua vida em meio aos diversos grupos sociais e como um dos principais grupos sociais está a escola ou as instituições de ensino superior.

Kuenzer (2002) traz que as produções acadêmicas acerca desse tema vêm sendo relevantes, porém sua contribuição quanto à mudança de uma práxis pedagógica ainda é muito discreta. Para este autor, a teoria guia a ação, mas não dá conta da realidade prática, além disso defende que a prática sem a teoria é uma ação sem sentido, que não promove transformação. Já para Borssoi (2008) existem preconceitos nessa relação teoria-prática, bem como para com o uso de metodologias ativas que envolvam o grupo, pois os próprios alunos não enxergam com mesmo entusiasmo as disciplinas com corpo teórico-prático e as práticas grupais. Pois estes trazem que os estágios supervisionados, disciplinas práticas realizadas no final do curso, por serem mais voltados para clínica e, por serem disciplinas práticas, geram muito mais ansiedade e mais dificuldades, mas porque essas disciplinas não são ampliadas para os diversos contextos e também não são praticadas no cotidiano da formação.

O estudo sobre grupo no Brasil é bastante atrasado por conta dos movimentos de repressão no período de ditadura militar, que censurava qualquer conteúdo crítico social nas Universidades. Scarparo e Guareschi (2007) trazem que a Psicologia Social na formação do psicólogo sempre foi preterida e desvalorizada, principalmente durante o período militar, onde predominava práticas de controle usando dos grupos, onde se utilizava instrumentos da psicologia para adaptar os indivíduos aquela sociedade. Tinha-se que qualquer obra teórica com conteúdo emancipatório era terminantemente proibida e a formação de grupos, para leitura dessas obras clandestinas, era considerado subversão. Com o enfraquecimento da ditadura militar, a Psicologia Comunitária ganhou força fazendo um deslocamento de profissionais das áreas clássicas para o campo das políticas públicas, embora de forma ainda tímida. A Psicologia Comunitária é um dos campos de atuação que, no Ceará, surge a partir da própria realidade popular, na qual Gois (1994) tece grande importância do grupo e das comunidades fazendo um movimento revolucionário, por compreender o sujeito e o grupo, em suas condições (internas e externas), e sua relação com a comunidade.

O grupo nas comunidades, nas políticas públicas e na atuação dos psicólogos nesse contexto, tem sido bastante complexo, principalmente no que



diz respeito à preparação dos estudantes de Psicologia, pelas instituições de ensino superior. Sobre isso, uma das entrevistadas traz que:

Quem vai trabalhar nas políticas públicas tem que saber minimamente, tem que estudar, tem que aprender para lidar com grupo porque nossa prática nessas políticas é grupo. Eu faço atendimento psicossocial, individual, mais o carro chefe é grupo então se eu for para o CRAS eu vou ter um grupo para mediar, se eu for para um CSF eu vou ter um grupo, se eu for para escola eu vou ter grupo, se eu for para o fórum, para os grupos socioeducativo eu não posso atender de um por um porque a demanda vai ser bem maior e não vai ser possível (Vênus, E1).

As políticas públicas são um campo de atuação que tem abarcado um grande número de profissionais Psicólogos, desde 2004 com a implantação e investimento federal nesse setor, foi possível visualizar uma mudança no fazer desses profissionais, porém esse campo requer uma atuação mais grupal (Santos, 2014). Lane (1996) faz grandes considerações sobre essa prática enfatizando que esse fazer requer atividades inovadoras, criativas, encontrando desafios quando essa formação ainda seria majoritariamente clínica.

A partir disso e, principalmente, das falas dos professores, percebe-se que as práticas grupais no contexto do ensino superior são de suma importância para uma formação mais crítica e mais ligada às necessidades sociais da população propriamente dita. No entanto, as práticas grupais não devem ser entendidas como qualquer atividade na qual ocorre interação em sala de aula, mas sim como atividades estruturadas e planejadas previamente para serem realizadas em grupo, com objetivos bem definidos e que promovam a colaboração entre os membros na busca de um objetivo comum. Para que isso ocorra de maneira potente, é necessário que todos os participantes estejam bastante conscientes das etapas do processo como um todo (Clarindo, 2015). Como observado a partir das entrevistas, não é exatamente isso que ocorre na maior parte dos casos. A atividade em grupo, portanto, está sendo usada de maneira incipiente no contexto do ensino superior, tendo seu potencial minimizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problematização da formação em Psicologia é algo antigo e atual, que se faz necessário e urgente. Adentrar nesse campo de estudo e pesquisa com uma temática que busca inovação no contexto da Psicologia, permitiu a compreensão histórica e cultural do processo de educação no nível Superior, a nível Nacional, assim como entender a formação contextualizada com a realidade de Sobral. Através dessa pesquisa, foi possível acessar as limitações e possibilidades para construção de novas ferramentas que impelem a formação em Psicologia e, conseqüentemente, a práxis do psicólogo pós-formação.

Esse estudo ainda possibilitou as percepções das práticas grupais, sob uma visão dos docentes, contribuindo para identificar os reflexos das impressões, na relação entre docente e discente. As visões trouxeram à tona que a negligência dessas práticas grupais em alguns casos corresponde a uma questão ideológica e ao enraizamento de métodos tradicionais de educação. No que se refere às significações pessoais acerca das práticas grupais, foi percebido, pelas falas dos entrevistados, modos dispares de usar metodologias e práticas grupais, evidenciando maneiras de literalmente professorar na graduação de Psicologia, o que nos possibilitou questionar. Assim, foi possível identificar algumas limitações ainda presentes, no que tange a implementação de novas metodologias na formação em Psicologia, o que nos leva a problematização acerca da urgência de uma discussão mais macro sobre esse assunto.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, 1977.

BORSSOI, Berenice Lurdes: **O estágio na formação Docente**: da teoria a prática ação- reflexão. UNIOESTE- Universidade federal do Paraná- Cascavel, 2008.

CLARINDO, Janailson Monteiro. **O grupo**: de espaço interacional a ferramenta de mediação, 2015, 85f – dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará – Programa de Pós-Graduação em Psicologia em Fortaleza (CE), 2015.

FLICK, Uwe. **Métodos de pesquisa**: introdução a pesquisa qualitativa. 3. ed. Trad. Joice Elias Costa, Editora Artmed, 2009.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud 7 (1921).

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Noções de Psicologia Comunitária**. Fortaleza: Viver, 1994.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Psicologia Comunitária**: atividade e vivência. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Conhecimento e competências no trabalho e na escola**. Boletim Técnico do Senac, Rio de Janeiro, v.28, n.2 mai/ago., 2002.

LANE, Tatiana Maurer Silvia. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In LANE, Tatiana Maurer Silvia; CODO, Wanderley (Eds.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1984, p. 10-19.

LANE, Tatiana Maurer Silvia. Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. In CAMPOS, Regina Helena Freitas (Ed.). **Psicologia Social Comunitária**: da solidariedade à autonomia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p. 17- 34.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. [1895] Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia, 1954.

SILVA, Paola de Jesus Santos; SILVA, Alexandra Maria Sousa. CLARINDO, Janailson Monteiro. As práticas psicológicas e grupos na Educação Superior.

LEWIN, Kurt. **Teoria dinâmica da personalidade**. [1935] (A. Cabral, trad.). São Paulo: Cultrix, 1975.

LEWIN, Kurt. **Princípios de Psicologia topológica**. [1936] (A. Cabral, Trad.) São Paulo: Cultrix, 1973.

LISBOA, Felipe Stephan; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 4, p. 718-737, 2009. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932009000400006>.

MANCEBO, Deise. A formação do psicólogo: Uma breve análise dos modelos de intervenções. **Psicologia Ciência e Profissão**, volume 17, nº1, 1997. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000100004>.

MARIN, M. J. S. et al. Aspectos das fortalezas e fragilidades no uso das Metodologias Ativas de Aprendizagem. **Ver. Bras. de Educação Médica**, v. 34, n. 1, p.13 – 20, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0100-55022010000100003>.

POLYDORO, Soely A. J.; AZZI, Roberta Gurgel. O processo de ensinar em cursos de psicologia na perspectiva dos estudantes. **Aval. psicol.** [online]. vol.10, n.3, p. 365-386. ISSN 1677-0471, 2011.

RIBEIRO, Diana Pancini de Sá Antunes; TACHIBANA, Miriam; AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. **Aletheia**, Canoas, n. 28, p. 135-145, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000200011 - Acesso em: 26 ago. 2017.

SANTOS, Luane Neves. **A psicologia na assistência social: convivendo com a desigualdade**. Luane Neves Santos – São Paulo: Cortez, 2014.

SCARPARO, Helena Beatriz Kochenborger; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Psicologia social comunitária e formação profissional. **Psicologia & Sociedade**, 100-108, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500025>.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. Vygotsky: Manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**. Ano XXI, n 71, Julho, 2000. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>.

WALLON, Henri. **A Evolução Psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Recebido em 21 de abril de 2021.

Aprovado para publicação em 27 de junho de 2023.

Publicado em 18 de abril de 2024.

